



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/09/2018 a 27/09/2018

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>  
Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
21/09/2018	8,47	305,90	28,09	5,21	3,57
24/09/2018	8,41	304,70	28,26	5,27	3,60
25/09/2018	8,45	306,20	28,37	5,20	3,63
26/09/2018	8,50	307,70	28,48	5,17	3,63
27/09/2018	8,55	308,20	28,86	5,13	3,64
<b>Média</b>	<b>8,48</b>	<b>306,54</b>	<b>28,41</b>	<b>5,20</b>	<b>3,61</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos  
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos  
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	89,00	0,0
RS - Santa Rosa	88,50	-0,6
RS - Ijuí	88,50	-0,6
PR - Cascavel	88,50	-0,6
MT - Rondonópolis	81,00	-1,2
MS - Ponta Porã	84,00	+0,6
GO - Rio Verde (CIF)	86,00	+1,8
BA - Barreiras (CIF)	71,00	-1,4
MILHO		
Argentina (FOB)**	163,00	+5,8
Paraguai (FOB)**	132,50	-5,4
Paraguai (CIF)**	172,50	-8,0
RS - Erechim	42,00	-1,2
SC - Chapecó	40,00	0,0
PR - Cascavel	34,00	-2,8
PR - Maringá	34,00	-4,2
MT - Rondonópolis	27,50	-1,8
MS - Dourados	30,00	-7,7
SP - Mogiana	37,00	-2,6
SP - Campinas (CIF)	39,80	-1,7
GO - Goiânia	32,00	-3,0
MG - Uberlândia	35,00	-2,8
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	850,00	0,0
RS - Santa Rosa	850,00	0,0
PR - Maringá	950,00	0,0
PR - Cascavel	900,00	0,0

26/09/2018

ND = Não Disponível.

(\*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 27/09/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	37,84	82,09	42,42

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 27/09/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	44,07
Feijão (saco 60 Kg)	137,50
Sorgo (saco 60 Kg)	28,92
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,10
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,25
Boi gordo (Kg vivo)*	4,65

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja nesta semana trabalharam em leve baixa, porém, no final da mesma houve recuperação, com o fechamento da quinta-feira (27) ficando em US\$ 8,55/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 8,50 na semana anterior.

O mercado já absorveu os possíveis efeitos da guerra comercial entre EUA e China, fato que não tem provocado mais grandes impactos nos preços da soja, embora as preocupações sobre o caso continuem. Especialmente porque, em termos de longo prazo, a situação pode piorar na medida em que a China cancelou as reuniões programadas para estes últimos dias de setembro, as quais tinham como objetivo iniciar um processo de negociação para terminar o conflito.

O que pesa agora no mercado, de forma mais intensa, é o ritmo de colheita da soja nos EUA. Neste sentido, o quadro continua sendo baixista já que a mesma atingiu a 14% da área semeada até o dia 23/09, contra 8% na média histórica. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras a serem colhidas se mantinham em 68% entre boas a excelentes, e apenas 10% entre ruins a muito ruins.

Por outro lado, as exportações líquidas estadunidenses, mesmo com o conflito com a China, se mantêm positivas, atingindo a 917.600 toneladas na semana encerrada em 13/09, ficando acima do que o mercado esperava. Isso deu certo suporte às cotações. Já as inspeções de exportação de soja somaram 693.890 toneladas na semana encerrada em 20/09, acumulando um total de 2,3 milhões de toneladas desde o dia 1º de setembro, quando se iniciou o ano 2018/19, contra 3,08 milhões em igual período do ano comercial anterior.

Vale destacar que o óleo de soja reagiu um pouco em Chicago, puxado pela elevação do preço mundial do petróleo, o qual ultrapassou os US\$ 80,00/barril durante a semana, se estabelecendo em um nível que não era visto há alguns meses.

Houve igualmente especulações quanto a possibilidade de importações de soja dos EUA por parte da Argentina, depois da severa quebra da última safra do vizinho país. Porém, as mesmas não teriam se confirmado. Fala-se de que os argentinos comprariam 2 milhões de toneladas do produto e que até o Brasil poderia adquirir um milhão de toneladas de soja estadunidense. Na prática, o bushel de soja está em seu mais baixo nível dos últimos 10 anos e o mercado tem buscado qualquer motivo para tentar animar as cotações, diante de uma safra recorde que vem sendo colhida nos EUA.

Já no Brasil, os preços da soja estacionaram e até recuaram um pouco durante esta semana. Isto se deu pelo recuo do câmbio, na medida em que o Real oscilou entre R\$ 4,00 e R\$ 4,10 por dólar na semana. A lenta revalorização da moeda brasileira estaria ligada ao fato de que o mercado absorveu o resultado das pesquisas eleitorais como algo irreversível, ao menos no primeiro turno, assim como a forte possibilidade de a Selic voltar a subir na próxima reunião do Copom, após o juro básico dos EUA ter sido aumentado nesta semana para 2% e 2,25% ao ano.

Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 82,09/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 88,50 e R\$ 89,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes

giraram entre R\$ 74,50/saco em Sorriso (MT) e R\$ 89,00/saco no norte e centro do Paraná, assim como na região catarinense de Campos Novos, passando por R\$ 82,00 em São Gabriel (MS); R\$ 84,00 em Goiatuba (GO); R\$ 76,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 78,00 em Uruçuí (PI).

Enfim, neste período de entressafra nacional, as atenções se voltam para o início do plantio da nova safra da oleaginosa. Até o dia 21/09 o mesmo atingia a 2,1% da área no Brasil, sendo 12% no Paraná e 1% no Mato Grosso.

Paralelamente, os prêmios nos portos brasileiros se mantiveram muito firmes, girando entre US\$ 2,13 e US\$ 2,62/bushel neste semana.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago reagiram um pouco durante este final de setembro, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (27) em US\$ 3,64/bushel, após US\$ 3,52 na semana anterior.

Preocupações com o clima nos EUA, no momento em que a colheita se desenvolve, deram algum suporte às cotações. Ao mesmo tempo, as exportações de milho, por parte dos EUA, somaram 1,38 milhão de toneladas na semana anterior, animando o mercado. Igualmente a perspectiva de chuvas importantes nos próximos dias nas regiões produtoras estadunidenses deixaram o mercado um tanto nervoso.

Soma-se a isso o fato de que aumento nos preços internacionais do petróleo, com o barril ultrapassando os US\$ 80,00 depois de muitos meses, tende a valorizar a produção de etanol de milho nos EUA. O aumento do petróleo se deve ao fato de que a OPEP não ter decidido aumentar a produção de petróleo.

Dito isso, parece ser difícil que uma recuperação de preços em Chicago aconteça diante da enorme colheita de milho que vem sendo realizada nos EUA (até o dia 23/09 a colheita do cereal atingia a 16% da área, superando a média histórica para o período). Ao mesmo tempo, o litígio comercial entre EUA e China, na medida em que se aprofunda, não ajuda o cenário, mesmo sendo o milho um produto diretamente pouco atingido.

Paralelamente, o mercado esperava o relatório trimestral de estoques nos EUA, previsto para este final de setembro. O consenso do mercado é de que o mesmo poderia apontar um volume de 50,8 milhões de toneladas para a posição 1º de setembro.

Em termos gerais, sem mudança no quadro de litígio com a China a tendência é de preços baixos em Chicago, pelo menos enquanto durar a pressão da colheita da nova safra.

Na Argentina, a tonelada FOB de milho ficou cotada em US\$ 163,00 neste final de setembro, enquanto no Paraguai a mesma atingiu a US\$ 132,50.

Já no Brasil, os preços médios recuaram nesta semana. O balcão gaúcho ficou em R\$ 37,84/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 41,00 e R\$ 42,00/saco no fechamento da semana. Nas demais praças nacionais, os lotes ficaram entre R\$ 24,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 41,00/saco em Videira, Concórdia e Campos Novos (SC).

Na prática, o vencimento das dívidas dos produtores acelerou o movimento de venda por parte das cooperativas e cerealistas, aumentando o volume ofertado. Ao mesmo tempo, os compradores não demonstram pressa para adquirir o milho, aguardando preços mais baixos. Na região de Campinas (SP), o mês termina sem haver compradores acima de R\$ 40,00/saco no CIF disponível. A baixa de preços pode desanimar o produtor que está semeando o milho de verão, especialmente no Sudeste do país e em Goiás. (cf. Safras & Mercado)

Neste sentido, o plantio do cereal de verão, até o dia 21/09, atingia a 19% da área esperada para o Centro-Sul brasileiro, contra 15% na mesma época do ano anterior. O Rio Grande do Sul havia semeado 48% de sua área, o Paraná 27%; Santa Catarina 22% e São Paulo 5%. Por enquanto, o recuo da área na região citada é estimado em 1,6% em relação ao ano anterior.

A recente revalorização do Real tira um pouco do entusiasmo exportador, já que o porto de Santos viu o preço do milho se estabelecer em R\$ 39,00/saco no final do mês. Mesmo assim, os embarques de milho atingiam a 3,2 milhões de toneladas até o início da presente semana, podendo fechar o mês em 3,9 milhões. Para outubro as nomeações de navios chegam a 1,34 milhão de toneladas. (cf. Safras & mercado)

O mês de outubro tende a ser ainda conturbado, devido ao processo eleitoral no Brasil, com o câmbio se ajustando a nova realidade política, porém, com tendência de revalorizar o Real. Neste contexto, serão as vendas internas de milho que ditarão o rumo dos preços, pelo menos nas próximas semanas. Assim, a boa comercialização da soja estaria permitindo uma venda mais lenta do milho disponível neste momento.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações em Chicago cederam um pouco nesta última semana de setembro. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (27) em US\$ 5,13/bushel, após US\$ 5,21 uma semana antes.

As vendas líquidas de trigo por parte dos EUA somaram 468.400 toneladas na semana encerrada em 13/09, neste ano comercial 2018/19 iniciado em 1º de junho. O volume ficou 32% superior à média das quatro semanas anteriores. Ajudou igualmente para manter firme as cotações o sentimento de que o litígio comercial entre EUA e China possa não provocar tantos efeitos negativos como inicialmente se esperava.

Paralelamente, o ministério da agricultura da Rússia eliminou 700.000 hectares de trigo de sua colheita em função dos estragos climáticos provocados sobre as lavouras ali semeadas. No Canadá, a safra de trigo está estimada em 29 milhões de toneladas, ou seja, 3% abaixo da realizada no ano anterior. Já na Austrália, a produção do cereal deve ficar em 19,1 milhões de toneladas, contra 21,2 milhões no ano anterior. Enfim,

na União Europeia, o volume final da atual safra deverá ser de 129,8 milhões de toneladas de trigo, ou seja, 9% menor do que foi registrado no ano anterior.

Dito isso, o mercado cedeu um pouco a partir de meados da corrente semana devido a expectativa de que o relatório trimestral de estoques, na posição 1º de setembro, aponte um volume mais elevado. O mercado especula um total de 64,2 milhões de toneladas a ser anunciado neste final de setembro.

Paralelamente, o plantio da nova safra de inverno, até o dia 23/09, atingia a 28% da área esperada, contra 26% na média histórica e 22% realizado no ano passado nesta data.

Já no Mercosul, a tonelada FOB de trigo para exportação voltou a recuar, com a média oscilando entre US\$ 210,00 e US\$ 215,00 na compra. Para a safra nova o valor ficou em US\$ 215,00.

No Brasil, os preços se mantiveram relativamente estáveis. O balcão gaúcho fechou a semana e o mês valendo R\$ 42,42/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 51,00/saco na referência. No Paraná, o balcão trabalhou com valores entre R\$ 46,00 e R\$ 47,00/saco, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 54,00 e R\$ 57,00/saco. Já em Santa Catarina o balcão registrou R\$ 42,00 a R\$ 44,00, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, fechou a semana na média de R\$ 52,50/saco.

O mercado continua atento ao atraso na colheita do Paraná, onde 20% da área havia sido colhida até esta última semana de setembro. As perdas podem aumentar naquele Estado, em função das chuvas em plena colheita, e também porque, segundo o Deral, agora são 21% das lavouras em condições ruins, ou seja, dois pontos percentuais superiores há última semana. Já no Rio Grande do Sul, o desenvolvimento das lavouras foi atingido pelo excesso de chuvas nesta semana, com o advento de temporais e granizo em muitas regiões. Neste sentido, novas perdas podem ter ocorrido, após as geadas do final de agosto.

Neste sentido, novas projeções de safra dão conta de que o total brasileiro deva ficar em 5,7 milhões de toneladas neste ano. Apesar do recuo em relação as projeções iniciais, ainda um volume superior ao realizado na safra anterior, que foi de 4,36 milhões de toneladas. A produção do Paraná está estimada em 3,0 milhões de toneladas e do Rio Grande do Sul em 1,98 milhão de toneladas. A área nacional total cresceu 6% sobre o ano anterior, chegando a 2,05 milhões de hectares. As importações de trigo, por parte do Brasil, neste ano comercial 2018/19 deverão somar 6,5 milhões de toneladas. (cf. Safras & Mercado) Mas estes números ainda estão longe de serem definitivos, podendo haver novos recuos na produção final em função da situação das lavouras do sul do país. Isto sem falar na qualidade do grão colhido.